


DE VIVIANE SANTANA

o chiado do universo invadiu a sala depois que o canal de televisão
 saiu forado a rme ocorreu que nascemos
 da morte de uma supernova somos feitos de pó de estrela
 e criamos o ínfimo universo dentro de nós
 tamanha aimensidão do escuro e a enorme complexidade
 comprimida em nosso reduzido viver
 há mais estrelas no universo do que grãos de areia na terra
 há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonhos na nossa vã
 filosofia somos pó vivo de estrela um açúcar cósmico e cômico
 bípede falante ameto morfo da estrela
 borboleta de saia vestida de calça jeans de terno e gravata
 de burca de fiodental na praia
 tudo que vive vem da estrela o musgo verde escuro da travessia
 dos muros o guincho do brado de ferro do portão de entrada
 e saída o esterco do gado no pasto das horas irrecuperáveis
 o umbigo da madeira os nós-cegos dos caminhos
 e brilha
 mesmo quando não brilha vem do enxofre do fósforo
 e de outros restos de estrela morta da purpurina do esqueleto
 espalhado pelos quatro cantos do mundo

a Marcos Pontes

meu blog deveria ter uma coloração esverdeada
 clara meus dias transparentes
 borbulhando os momentos
 e as imagens oscilando com o balanço das algas
 mas existe a escala acromática do cinza das verdades
 vertentes de pedras e vestígios sólidos do coado e feito real
 do lodo e já não é mais o tom
 spring green



comobicosdedosnoteclado
docomputadorcatavarápidoasletrasdaspalavras
quegerminavamnoacinentadodomonitor
escreviaumadestasmensagensbreves abreviadas
cheiasdegírias dizendoqueseriabomse
reencontrassemumavezqueotempocarrega
osacontecimentosdentrodaboleiaquesegue
emdireçãocontráriamasnaquelemomento
nenhumdosdoissabiaoquantoaquelafrase
seriafriaeoquãooootempotransformaria
oreencontrosealgumdiafosseacontecer

syfaenéonomeuma letra que eu poderia
carregarcomigo como levecheirodesuor
nofinaldodia no solpostodecabeça para baixo
eocrepúsculo seabrindo quando
osgalhosdasárvores tremem quando oventovemsoprar
osfatasmas invisíveis do movimento
OMOVIMENTO É CHEIO DE FANTASMAS

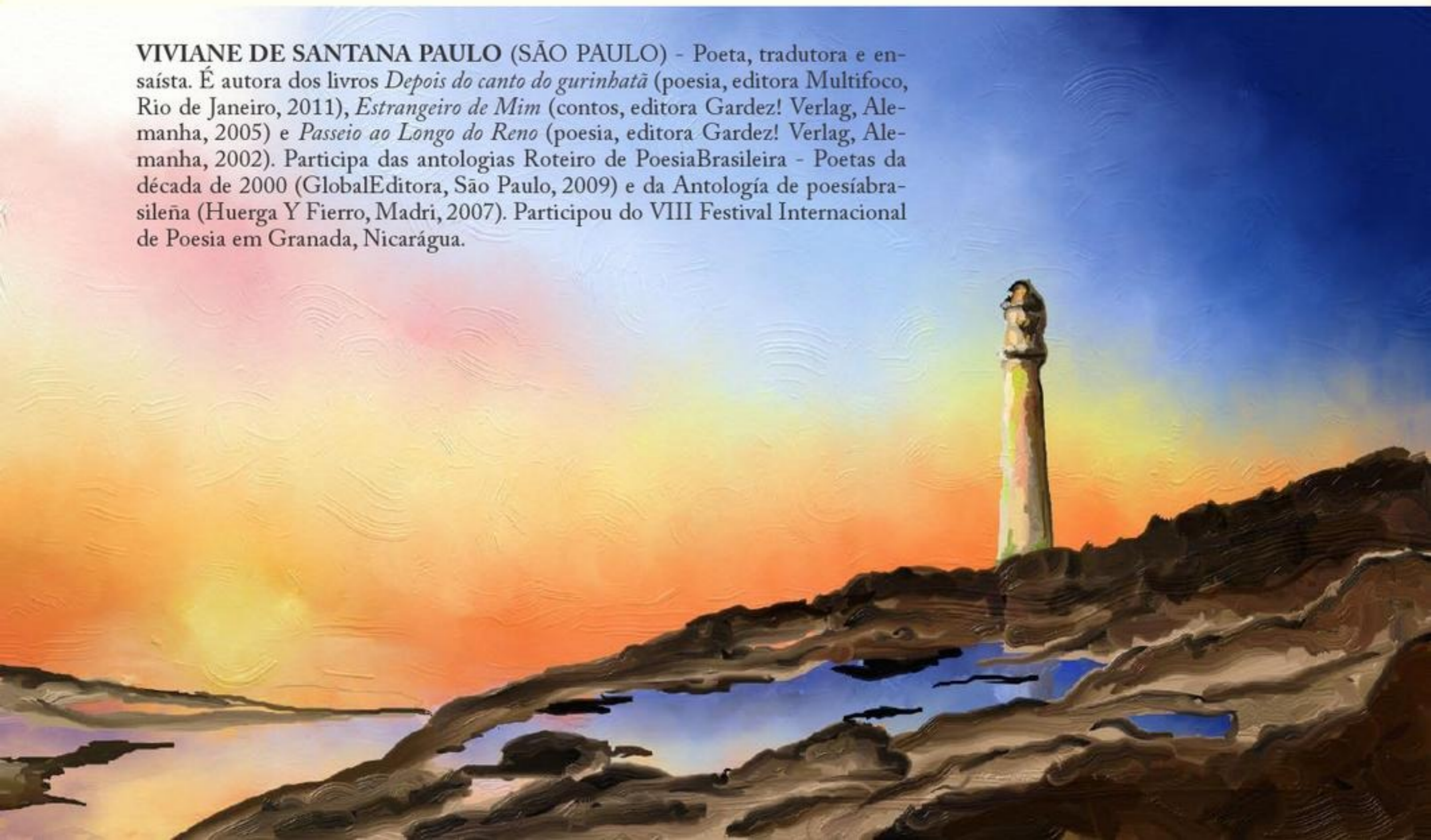
umapanelacozinha carne em cima do fogão
deondeavistaajaneladebocaaberta
comendoluznopréludiodojantar
ondeosilênciorecolheosúltimoscantosdospássarinho
DIGERELUZASJANELASABERTAS

nasletrasdosentimentohá váriosgarranchos
SÓHÁ GARRANCHOS NAS LETRAS DO SENTIR
éporissoqueasconstataçõesficampresnosrabosdosgarranchos
epormuitotempoacrediteinopólen dasestrelas
quedopólen dasestrelas tivessenascidotodasasletras

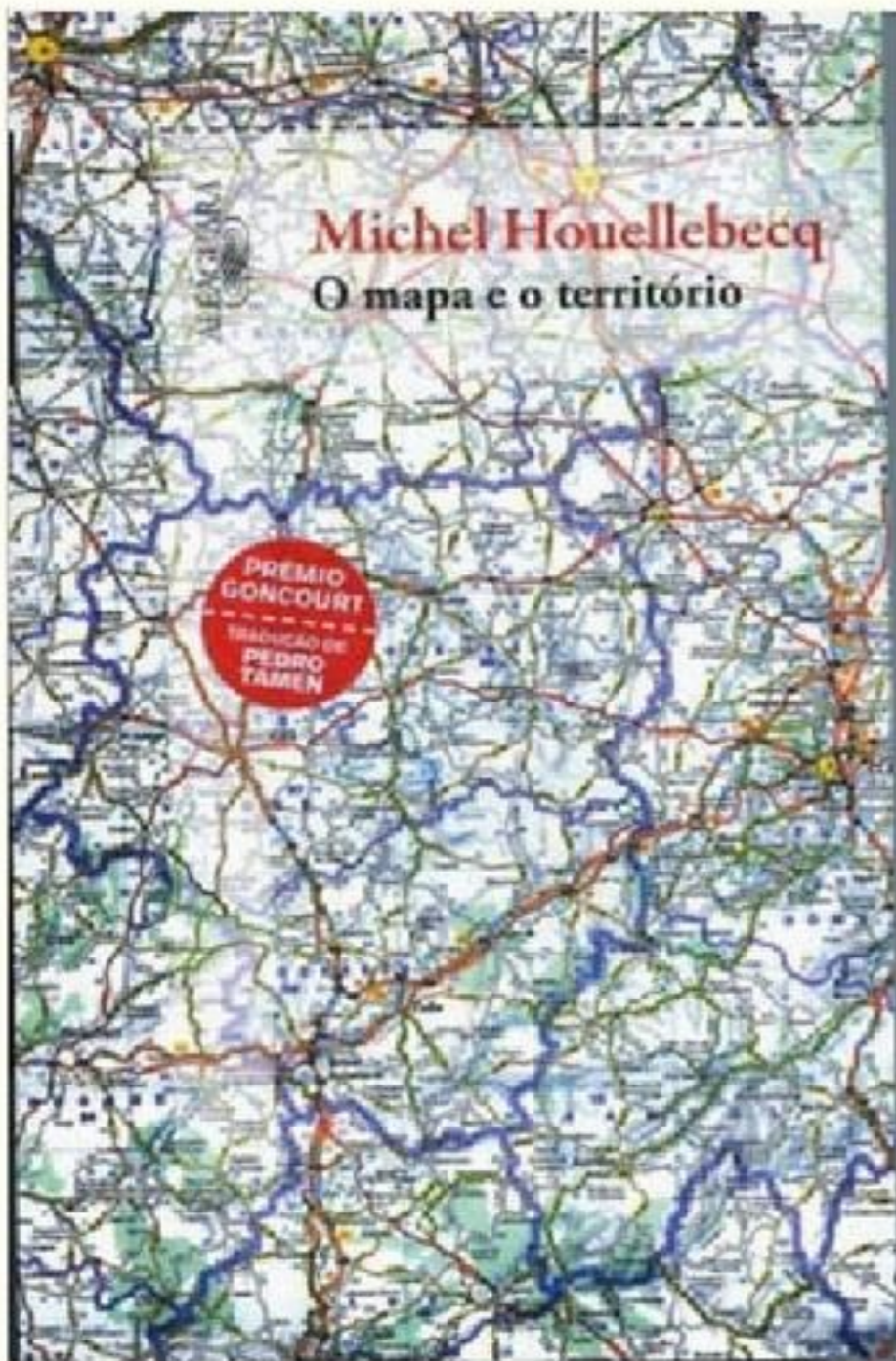
EO HUMANOBROTO DO POLEN DAS ESTRELAS
porqueasletrassãodoshumanos
hojeseiqueéassim
easalgãodosfiosdecabelodomar

vemestarcomigonosintensoslampejosno fundo
dasmadrugadas na penumbra das mãos sôfregas buscando
osportosseguros ao longo das tormentasqueosossos
corposiniciam ancorar nas orlas e explorar os interiores
úmidos sou lilithevemestarentreasminhascoxassobafenda
nasparedes da fugaquenolevalonge das entediantes
batalhasdiáriasabandoneas
oscompromissosmaçantesostelefonemasosemailsrespondidos
asmásnotícias... não se preocupe comisso
vemtreparnosmurosaltos do prometidosentir
aredondeza do limiaroslábios calcados no ventre
dosonho e osjoelhoscomoparte de uminstrumento dobrável
vemsentirogemer da música tremulando na pele nua
veroespelho da noitenosolhos da coruja
esqueçaassenhasaquinão
precisa de senha nenhuma ossegredos se revelam
emcadano de braços e pernasentrelaçados e asvelas se abrem
parareceberomastrovamossingraraságuas inquietas
domarítimonoturno

VIVIANE DE SANTANA PAULO (SÃO PAULO) - Poeta, tradutora e ensaísta. É autora dos livros *Depois do canto do gurinbatã* (poesia, editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2011), *Estrangeiro de Mim* (contos, editora Gardez! Verlag, Alemanha, 2005) e *Passeio ao Longo do Reno* (poesia, editora Gardez! Verlag, Alemanha, 2002). Participa das antologias *Roteiro de Poesia Brasileira - Poetas da década de 2000* (Global Editora, São Paulo, 2009) e da *Antología de poesía brasileña* (Huerga Y Fierro, Madri, 2007). Participou do VIII Festival Internacional de Poesia em Granada, Nicarágua.



Por Bruno Ribeiro



HOUELLEBECQ, Michel. **O Mapa e o Território**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Sinopse: Jed Martin é um artista francês que se torna famoso por reproduções de mapas rodoviários e por quadros retratando pessoas no exercício de suas profissões. Por mais que tenha sucesso em sua carreira, Jed não consegue se relacionar com as pessoas. O único acontecimento capaz de tirar a vida de Jed de seu curso é um assassinato brutal, que ele ajudará a desvendar.

O Mapa e o Território pode ser considerado um livro biográfico, não sobre o autor, mas sobre a arte, e ela vem representada em carne e osso na figura de Jed

Martin, o protagonista do romance. Um artista que acompanhamos em detalhes minuciosos, desde o princípio da sua vida até o término. O livro se divide em três capítulos, cada um nos reserva uma surpresa, principalmente o último, em que ocorre um ponto de giro, transformando o romance existencialista em um policial.

A obra brinca bastante com os gêneros, cada página é uma surpresa interessante, seja nas descrições excêntricas da narração ou nas citações da Wikipédia que Houellebecq utiliza (causando inclusive, denúncias de plágio contra ele) em certo momento, quando prepara uma espécie de retrospectiva do seu trabalho, Jed deve convidar um escritor importante para fazer o texto do catálogo da sua exposição, o nome escolhido é Michel Houellebecq. Neste ponto do livro, em meados do segundo capítulo, o livro ganha uma força irônica e ácida, o autor brinca com a sua figura na história, levando até os últimos limites a ideia de criticar uma pessoa, para na verdade, criticar um meio específico, e porque não, uma sociedade.

Apesar de se colocar na história do livro, o autor nunca se aproxima dos personagens, a distância é uma palavra chave para definir o romance. As pessoas deste mundo temem se aproximar demais um dos outros, eles negam o mundo em que habitam: a realidade glamorosa, a finesse francesa, os bicos saturados de vinho tinto e caviar. O artista Jed renega seu meio, ele se torna milionário, seus quadros passam a valer milhões de euros, ele se vê obrigado a aceitar o sucesso. Em certo momento, vê que a arte, fama, a própria vida entre suas idas e voltas, é equivalente à morte. Entretanto, assim como os outros, ele não se difere em nada, somos todos iguais neste mundo perfumado de Chanel nº 5 e risadas de plástico.

Michel se coloca nesta esfera refinada de forma caricata, descrevendo-se como uma pessoa desleixada, fedida, bêbada, barriguda, lembrando uma tartaruga, sempre reclamando da vida, depressivo, um outsider.

Dessa forma, o autor nos mostra que ninguém está dentro do círculo, todos somos revoltados, desajustados; não há diferença entre nossos corpos e pensamentos, ninguém está contente com o presente que habita; como ele diz nas páginas finais do livro: “O triunfo da vegetação é total.” Nada pode parar o tempo, nada pode parar nossas indagações e tormentos. A arte reflete a vida, e essa, reflete nosso interior desgastado de dúvidas.

Somos todos iguais, essa é a triste realidade que insistimos em negar a plenos pulmões.